



Evento "Democracia Inabalada", no Congresso Nacional, terá presença de Lula, reinauguração de obras vandalizadas e expectativa de discursos fortes. Ministra Margareth Menezes cantará o *Hino Nacional* para os 500 convidados

Ato lembra mais duro ataque aos Poderes desde a ditadura

» EVANDRO ÉBOLI

O 8 de janeiro que durou um ano será lembrado na tarde de hoje no ato "Democracia Inabalada", no Salão Negro do Congresso Nacional, a partir das 15h. O local foi escolhido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, cujo governo resistiu a uma forte tentativa de desestabilização a apenas uma semana de sua posse.

A cerimônia marca a recuperação e restauração de peças e obras destruídas e vandalizadas por manifestantes que defenderam a intervenção militar no país. Na tarde daquele domingo, centenas de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro invadiram e ocuparam as sedes dos Três Poderes e promoveram uma destruição do patrimônio público nunca vista antes.

A solenidade irá lembrar que foi preciso um esforço conjunto de todas as instituições atingidas e da repulsa quase generalizada da população para se restabelecer a normalidade democrática.

São esperadas 500 pessoas no ato e aguardados discursos fortes dos protagonistas do evento. A ministra da Cultura, Margareth Menezes, irá cantar o *Hino Nacional*. Uma peça semi-destruída — a tapeçaria de Burle Marx — e outra subtraída por um dos invasores — a réplica da Constituição — estão de volta e irão compor o cenário no salão.

Além de Lula, estão previstos falas dos presidentes Rodrigo Pacheco (Senado), Arthur Lira (Câmara) e dos ministros Luís Roberto Barroso (presidente do Supremo Tribunal Federal) e Alexandre de Moraes (que preside o Tribunal Superior Eleitoral). As atenções estarão voltadas para Moraes,

que revelou em entrevistas nos últimos dias que havia plano até para enforcá-lo em praça pública. A governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra, do PT, irá discursar representando os chefes dos Executivos estaduais.

Entre um 8 de janeiro e outro, o país passou o ano consumindo as consequências daqueles atos. Envolvidos foram presos, parlamentares do Congresso Nacional e da Câmara Legislativa do Distrito Federal criaram Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs), bolsonaristas e petistas passaram esses 12 meses trocando acusações referentes ao episódio daquele dia.

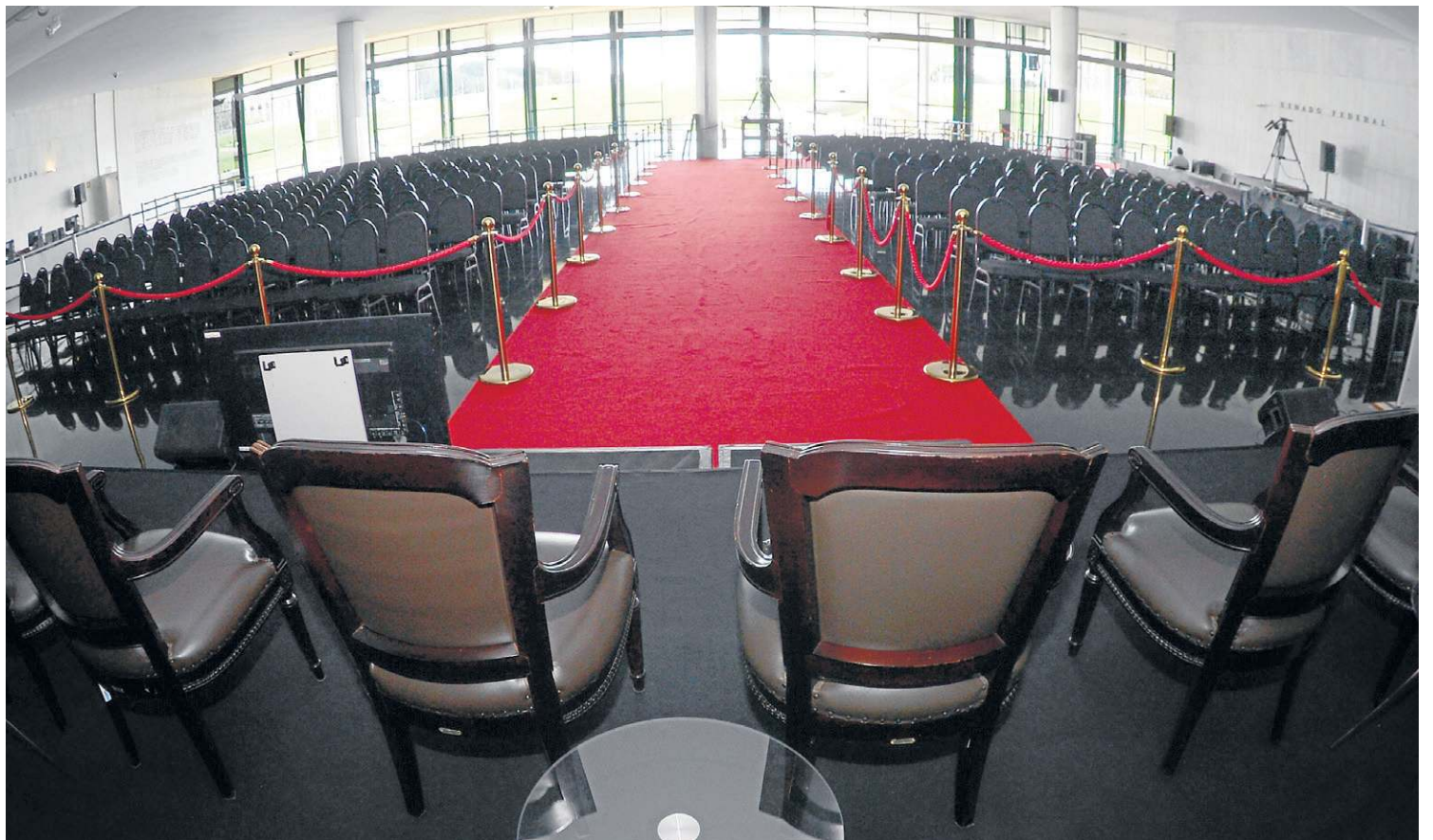
"Pontos de memória"

Hoje, antes do ato no Congresso, vai acontecer no prédio do STF a inauguração da exposição *Após o 8 de janeiro: reconstrução, memória e democracia*, uma alusão à destruição das instalações e objetos da Corte. No tribunal, foram destruídas peças antigas, do período em que a capital do país era o Rio de Janeiro. O STF registrou o maior prejuízo, até agora, entre as sedes de Poderes atingidas. O custo da invasão e da destruição na Suprema Corte já chegou ao montante de R\$ 13 milhões. Ao todo, se calcula que, incluindo Congresso e Palácio do Planalto, o prejuízo alcança R\$ 24 milhões.

Em todos os locais atingidos serão expostas peças que seguem fragmentadas e esfaceladas. O propósito é acentuar o que ocorreu no país naquele 8 de janeiro. No STF, os objetos vandalizados estão expostos em locais batizados de "pontos de memória".

Colaborou Ândrea Malcher

Ed Alves/CB/D.A Press



Salão Negro do Congresso pronto para receber autoridades e convidados do ato, lembrando o um ano de 8 de janeiro de 2023

Ed Alves/CB/D.A Press



Tapeçaria de Burle Marx e Constituição expostas no Congresso

Ed Alves/CB/D.A Press



Esquema de segurança tem cerca em volta da Câmara e do Senado

Linha do tempo dos atos antidemocráticos

6 E 7 DE JANEIRO DE 2023: ORGANIZAÇÃO E DESLOCAMENTO DE CARAVANAS GOLPISTAS

» Em grupos de mensagens nas redes, manifestantes alinhados a Jair Bolsonaro organizavam uma manifestação na capital, em protesto à eleição de Lula. As postagens no grupo indicavam os atos violentos. O plano era chamado de "Festa da Selma". Até aquele dia, estavam acampados em frente ao QG do Exército, na capital e em outras capitais.

» Diversos ônibus, em sua maioria das regiões Sul e Sudeste, levaram bolsonaristas até Brasília e de graça ou por um valor menor que o praticado nos trechos comerciais. Segundo um relatório da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), 83 pessoas e 13 empresas estavam diretamente ligadas na contratação de 103 ônibus.

» Anderson Torres, ex-ministro da Justiça de Bolsonaro, foi nomeado secretário de Segurança Pública do DF no dia 2 de janeiro. Depois, viajou para Orlando, onde estava quando ocorreram os atos contra os Três Poderes.

» Alertas da Abin foram emitidos dias antes do episódio para o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) e para o Ministério da Justiça tratando de ataques a prédios públicos. Os avisos também citavam as caravanas em direção a Brasília, com cerca de 4 mil pessoas.

» Dino alertou o governador do DF sobre os planos detectados pela inteligência do governo. Em depoimento, o general Gonçalves Dias, ministro do GSI, afirmou que não teria sido informado pela Abin do risco iminente.

8 DE JANEIRO DE 2023: DESTRUIÇÃO DOS TRÊS PODERES

» de 11h45 a 12h30: escolta policial para a Praça dos Três Poderes

» O GSI envia um pelotão de apenas 30 militares ao Palácio do Planalto. O acordo envolvia bloqueio completo da Esplanada dos Ministérios, o que não ocorreu. No dia 8 de janeiro, a Abin já havia emitido alerta a 48 órgãos sobre a possibilidade de manifestações violentas e invasão de prédios públicos.

Fotos: Evandro Éboli/CB/DA.Press



» Às 12h30, os bolsonaristas deixavam o acampamento em frente ao QG e, em direção à Esplanada, escoltados pela Polícia Militar. Na véspera do ataque, Ibaneis afirmou que manifestações "pacíficas" estavam permitidas e liberou a Esplanada.

» de 13h23 a 14h30: "situação tranquila"

» O secretário de Segurança Pública em exercício, Fernando de Sousa Oliveira, tranquiliza o governador, por áudio, afirmando que não há riscos de que a situação saia do controle: "situação tranquila".

» Os radicais foram recebidos por uma frágil revista policial.

Arthur Lira e Rodrigo Pacheco. E encomendou ao ministro da Justiça um texto de intervenção na segurança pública do DF.

» Às 14h42, com fácil acesso e número insuficiente de policiais, muitos fazendo vista grossa, os bolsonaristas romperam a barreira que cercava o Congresso e, assim, invadiram o prédio.

» Ao romper a barreira policial, os bolsonaristas avançaram pelo Senado e pela cúpula do Congresso. Policiais relataram à PF que os manifestantes usavam pedras, paus e estilingues para atacar os policiais legislativos.

» Sem efetivo suficiente, os policiais ainda tentam recuar e formar uma barreira que pudesse proteger o plenário, sem sucesso. Ainda tentaram negociar com os invasores.

» No plenário, brincadeiras de escorregador no carpete. E depredação de tudo que encontravam pelo caminho. Cerca de 40 pessoas no local ouvem voz de prisão e são levados à Polícia do Senado.

Darclianne Diogo/CB/D.A Press



» As redes sociais passaram a ser inundadas com vídeos feitos pelos próprios golpistas. As primeiras prisões no local só ocorreriam horas depois da tomada do Congresso.

» Vidraças foram quebradas e diversas obras de arte destruídas. Presentes de chefes de Estado, a base de um painel feito por Athos Bulcão e urina na tapeçaria de Burle Marx foram parte do saldo dos ataques.

» 15h: Invasão do Palácio do Planalto

» Autoridade do GSI detecta a chegada dos manifestantes na Esplanada, às 14h. É acionado o Plano Escudo — protocolo em casos de tentativa de invasão do Planalto, antes da invasão.